



RELATÓRIO ANUAL DE 2015
PROGRAMA EDUCATIVO
EXPOSIÇÃO
“O ESPÍRITO DE CADA ÉPOCA”
DE 16 DE MAIO A 19 DE DEZEMBRO DE 2015
INSTITUTO FIGUEIREDO FERRAZ

EQUIPE

Presidente

João Carlos de Figueiredo Ferraz

Diretor Administrativo

Alcibíades Junqueira

Coordenação

Rejane Cintrão

Comunicação

Vivian Kawasima

Gestão de Acervo

Carlos Alexandre

Coordenação do Educativo

Vera Barros

Produção de Agendamento

Sandra Bisco

Arte-educadores

Jefferson Dias

Lívia Diniz

Mariana Whately

Sabrina Malpeli

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. PROGRAMA DE VISITAÇÃO IFF.....	7
3. COMENTÁRIOS SOBRE O EDUCATIVO IFF.....	10
3.1 O PLANEJAMENTO DO PROGRAMA DE VISITAÇÃO SE APROXIMA DE UM LABORATÓRIO DE IDEIAS.....	11
3.2.1 ABORDAGENS TEMÁTICAS	11
3.2.2 CAIXAS DE IMAGENS, TEXTOS E OBJETOS.....	12
3.2.3 EXERCÍCIOS DE ARTE.....	13
4. OS ARTE-EDUCADORES E SEUS PROJETOS AUTORAIS.....	17
4.1 “QUESTÕES CENTRAIS”	18
4.2 SOBRE A DIVERSIDADE DE PÚBLICO.....	19
4.2.1 IDOSOS.....	22
4.2.2 CRIANÇAS.....	23
4.2.3 ENSINO DE NÍVEL SUPERIOR E OUTRAS INSTITUIÇÕES.....	26
4.2.4 ENCONTROS DE FORMAÇÃO.....	31
4.3 NOVAS ABORDAGENS E EXERCÍCIOS	32
4.4 CONVERSAS FILOSÓFICAS, CONVERSAS SOBRE ARTE.....	34
4.5 O UNIVERSO SIMBÓLICO DOS ESTUDANTES.....	35
5. OBRAS DE ARTE DA COLEÇÃO IFF ENTREVISTAM OS ARTE-EDUCADORES.....	40
6. REFERÊNCIAS	46



1. INTRODUÇÃO

É como olhar para o céu estrelado, assim eu vejo o universo da arte contemporânea. Vejo os movimentos artísticos como constelações. Há a constelação dos abstratos gestuais, dos geométricos, dos coloristas, dos figurativos, das esculturas, das fotos, vídeos, instalações etc. Esses movimentos são formados por artistas que, como estrelas, há os que se sobressaem, de primeira grandeza, mas há também outros, de brilho não tão intenso, mas muito importantes porque ajudam a compor o seu formato. Entendo que somente olhando o todo podemos ter a exata dimensão de cada um desses movimentos. Acompanho a arte contemporânea desde o início dos anos 80 com a curiosidade de leigo e a dedicação de um apaixonado e, sempre tentando olhar os movimentos no seu todo, fui construindo a nossa coleção com o interesse nessa abrangência, ou pelo menos com essa tentativa, com o inevitável olhar seletivo, mas o mais aberto possível. É muito difícil que uma coleção privada seja completa, ela é limitada não apenas pelo olhar de quem a forma, mas, principalmente, pela indisponibilidade física, por não poder estar presente a todos os eventos, além, também, da inevitável limitação financeira. Apesar dessas dificuldades, acredito que uma coleção de arte contemporânea, pela diversidade das suas manifestações, deva ser generosa e abrangente. Há também uma coisa em comum a todas as coleções de arte contemporânea: o risco, a margem de erro e de acerto nas obras que a compõem. Quando se compra artistas jovens, nas suas primeiras exposições, não se sabe qual será o seu percurso, qual será a intensidade do seu brilho. O único crítico de arte infalível é o tempo e somente ele poderá dizer qual artista ou qual obra será importante no futuro, mas invariavelmente ele é lento, sua avaliação demora décadas. É bom nunca esquecer que a arte é um enigma curioso, quando duvidamos dela, ela nos ensina, quando acreditamos, ela nos ilude.

João Carlos de Figueiredo Ferraz
Presidente do IFF

A exposição *O espírito de cada época* (que aconteceu de 16 de maio a 19 de dezembro de 2015) reúne trabalhos de artistas brasileiros realizados desde a década de 80, época em que teve início a coleção de Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz, até os dias de hoje.

Dividida em dois andares, anos 80 e 90 no térreo e anos 2000 até o presente no primeiro andar, esta mostra tem como objetivo apresentar um panorama da arte brasileira nas últimas quatro décadas, de acordo com a coleção que o Instituto abriga.

Por meio das obras aqui reunidas, organizadas cronologicamente, visamos fazer uma reflexão sobre diversos momentos do país, no plano social, político e econômico, refletidos na produção artística de cada época. Se os anos 80 foram marcados pela alegria e liberdade devidas ao fim da ditadura, que refletiram de diversas formas na produção artística brasileira, os anos 90, época em que a AIDS assolou o mundo todo, foram mais reflexivos. O corpo passa a ser um dos temas abordados por diversos artistas, assim como a busca pela identidade.

A virada de século também trouxe a sua marca, com as mídias sociais, o uso generalizado das máquinas fotográficas, os *selfies*, o retorno à natureza, a preocupação com a sustentabilidade, o consumo de produtos orgânicos e, de forma definitiva, o terrorismo. Todos esses fatores, entre outros, estão refletidos na produção artística brasileira e em diversas obras aqui expostas.

Rejane Cintrão
Coordenadora do IFF e curadora da exposição *O espírito de cada época*

Até 2015, 22.771 pessoas puderam conhecer parte da coleção IFF, sendo 11.261 em grupos agendados e 11.510 espontaneamente. Depois de três anos da implantação do Educativo IFF, ou seja, de 2013 a 2015, 779 professores participaram de palestras e seminários sobre a Coleção e a arte contemporânea.

Nos anos de 2013 e 2014, o IFF teve a visita mensal de estudantes e professores do ensino fundamental e médio da Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Preto e da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Mas ocorre que em 2015, o número de estudantes das redes públicas de ensino diminuiu drasticamente devido a greves de professores da rede estadual e imprevistos na programação da rede municipal de ensino de Ribeirão Preto. Em função disso, foram canceladas tanto visitas orientadas pela equipe de arte-educadores como palestras e workshops para diretores, coordenadores pedagógicos e professores.

Assim, foi necessário fazer um levantamento de outras instituições educacionais públicas e privadas, órgãos sócio culturais, empresas e estabelecimentos comerciais para a realização de parcerias para a formação de um novo público para o IFF.

Assim, SESC, SENAC, SESI, SENAI, USP, Centro Universitário Moura Lacerda, UNAERP, Centro Universitário Barão de Mauá, FAAP, UniSEB e UNIFEB visitaram o IFF com seus alunos e frequentadores. No ano que vem, os contatos realizados serão formalizados e a rede municipal de ensino retornará com seus alunos e professores, como os da rede estadual.

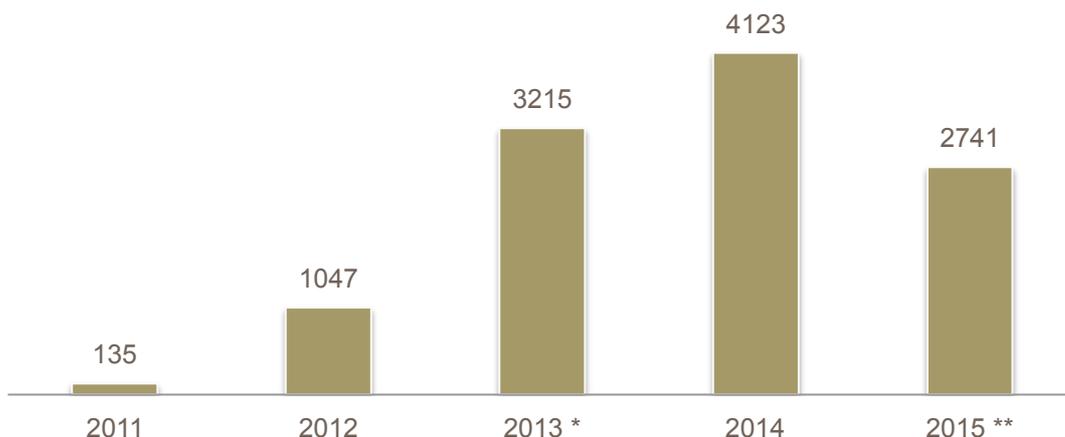
Por último, convém dizer que, normalmente, elaboramos relatórios semestrais do Educativo IFF – este, no entanto, é anual.

Vera Barros
Coordenadora do Educativo IFF

2. PROGRAMA DE VISITAÇÃO IFF

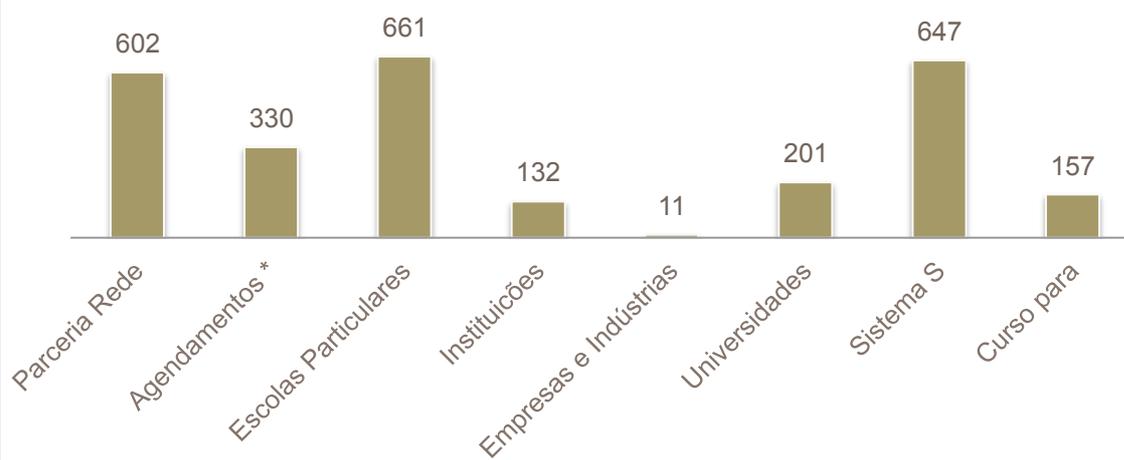


HISTÓRICO DO PROGRAMA EDUCATIVO



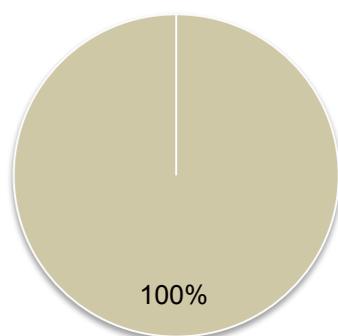
* Ano em que foram iniciadas as parcerias com as redes Municipal e Estadual de Educação.

PROGRAMA EDUCATIVO



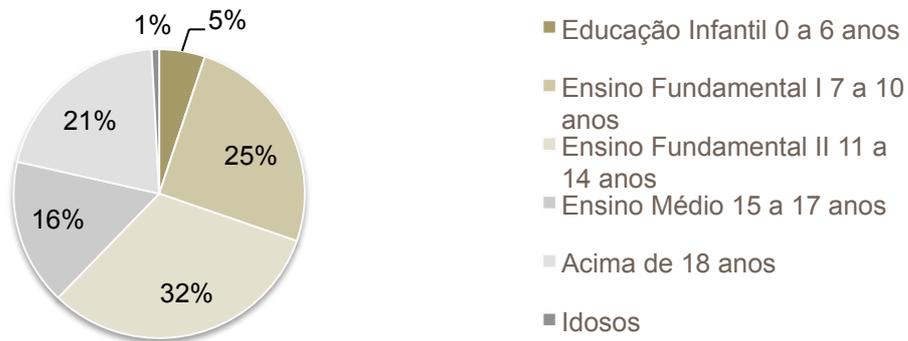
* Os agendamentos incluem escolas das redes municipal e estadual (além das

PARCERIA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

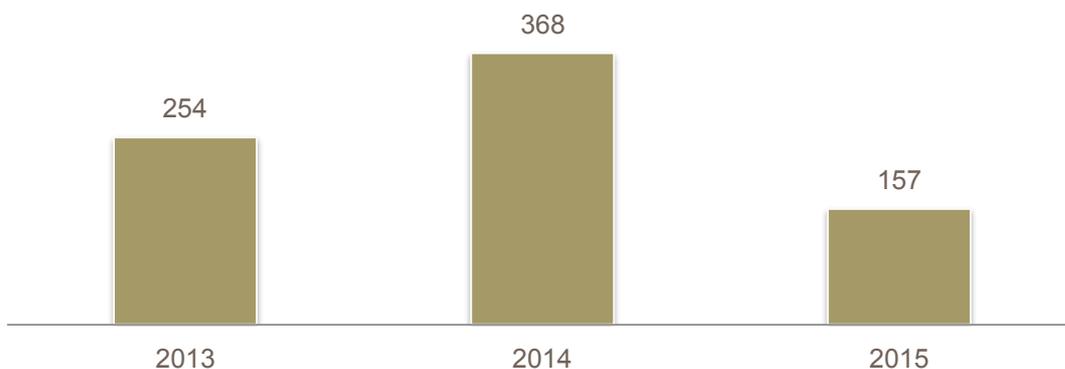


- Educação Infantil 0 a 6 anos
- Ensino Fundamental I 7 a 10 anos
- Ensino Fundamental II 11 a 14 anos

PROGRAMA EDUCATIVO PERFIL DOS VISITANTES



CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES



OPINIÃO DOS PROFESSORES SOBRE A VISITA DE SEUS ALUNOS*



* A ficha de avaliação é um importante documento que está inserido nos procedimentos para o agendamento escolar. Foi preenchida por cada professor que acompanhou os estudantes durante o programa de visitação.

3. COMENTÁRIOS SOBRE O EDUCATIVO IFF

“As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente raciocinar ou calcular ou argumentar, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.” Jorge Larrosa Bondía

O Educativo se encaminha por meio de programa pedagógico em processo, que se vai estruturando a partir das interpretações que o público faz da Coleção IFF, em sintonia com as transformações do mundo, a velocidade das inovações tecnológicas e as novas formas de produzir conhecimento. As inúmeras possibilidades de conexões de suas obras de arte com outras manifestações culturais possibilitam experimentações que se assemelham a um laboratório de ideias. Está em jogo a ideia de construção de conhecimento social, que pressupõe que todas as formas de conhecimento são legítimas e que para ensinar é necessário produzir reflexão, crítica e dúvida, capacidades essenciais para a formação da subjetividade de qualquer pessoa.

As avaliações do Educativo IFF não são verticais, com índices de grandeza, mas horizontais, em que os indicadores são as diferentes interpretações da Coleção IFF. Elas estão presentes nos relatos diários dos arte-educadores e nos relatórios semestrais, com reflexões e depoimentos de professores e estudantes. Suas propostas são investigativas e sujeitas a mudanças, porque questionam as suposições dos visitantes e as suas próprias.

“Segundo Octavio Paz, ‘o poema não apenas proclama a coexistência dinâmica e necessária dos opostos, mas sua identidade final’. Tendo-se isso em vista, seria possível dizer que a coerência na prática do arte-educador se aproxima da coerência lograda pelo lavor poético, uma coerência comovida no cerne, aparentada ao encantamento, porque abrange a divergência, porque abre espaço ao diálogo e à utopia.” Jefferson Dias, arte-educador

“Tento encontrar formas de comentar as experiências atuais, sem ser redundante. Percebo que me faltam palavras para elaborar novos depoimentos para o relatório, apesar de o trabalho permanecer interessante e intenso. Desse modo, optei por falar menos, sem deixar de pensar com mais profundidade em ajustes e aprimoramentos advindos das experiências com os estudantes, para o refinamento do meu trabalho.” Sabrina Malpeli, arte-educadora

"O tempo é mais que coisa:
é coisa capaz de linguagem
que ao passar vai expressando
as formas que tem de passar-se."

João Cabral de Melo Neto (Recife, 1920 – Rio de Janeiro, 1999)

3.1 O PLANEJAMENTO DO PROGRAMA DE VISITAÇÃO SE APROXIMA DE UM LABORATÓRIO DE IDEIAS.

“Ao longo do primeiro contato com os grupos, os adolescentes dizem muito pouco sobre o que eles esperam encontrar no Instituto, por receio de falar algo ‘errado’, ‘sem importância’ ou, ainda, por falta de experiências relacionadas a exposições de arte. No entanto um grupo de alunos da rede estadual determinou que a arte contemporânea não era apenas do nosso tempo, como a maioria dos visitantes se limita a dizer, acrescentaram que não há uma preocupação com a estética, tal qual durante o Renascimento, por exemplo. O ideal de beleza ao longo da história é uma construção de fora para dentro e variável. Quando o grupo o cita, podemos observar que ele persiste como importante referência para o que é belo até os dias de hoje. Observo que a maioria das pessoas vê estética e beleza como sendo a mesma coisa, diferentemente do que é construído na arte contemporânea, em que os artistas não estão presos a nenhum estilo, técnica ou materiais para a produção de suas obras e sim a significados, pois não se quer representar situações e sim apresentar novas questões.” Lívia Diniz, arte-educadora

“A produção de conhecimento, ao contrário do que costumam pensar os visitantes escolares, se dá em todas as etapas da visita e não apenas durante o exercício de escrita. A escolarização tende a instrumentalizar os saberes, assim a apreensão do mundo passa a se dar de modo linear, calcada em referenciais concretos e em categorias preestabelecidas – no caso das crianças, sobretudo, observa-se aí um processo limitador pouco natural.” Jefferson Dias, arte-educador



PARA DESFAZER A IDEIA DE QUE SÓ SE PENSA COM A CABEÇA, OS ARTE-EDUCADORES INCLUEM NO PLANEJAMENTO DA VISITA UMA EXPERIÊNCIA INTERDIMENSIONAL, COM QUATRO DIFERENTES MOMENTOS PARA A APRECIÇÃO DAS OBRAS DE ARTE: REFLEXÃO, EMOÇÃO, MOVIMENTAÇÃO CORPORAL E TRANSCENDÊNCIA. CADA MOMENTO PODE SER INSERIDO NA VISITA ORIENTADA A CRITÉRIO DO ARTE-EDUCADOR E EM FUNÇÃO DO PERFIL DO GRUPO, ADEMAIS PODERÁ OCORRER EM TEMPOS E INTENSIDADES DIFERENTES PARA QUE OS ESTUDANTES VIVENCIEM FORMAS DE FRUIÇÃO DA ARTE DIFERENCIADAS DAS DO ENTRETENIMENTO.

“As quatro temperaturas são etapas da visita por meio das quais o educador pode avaliar as experiências educativas. Elas ajudam a construir e a definir o trabalho. Ao longo da elaboração do relatório, momento em que pude refletir sobre o significado do que seja método e rigidez metodológica, fui eliminando o que parecia repetitivo e tornando as temperaturas das visitas mais orgânicas e menos fragmentadas.” Sabrina Malpeli, arte-educadora

“Quando se preparava para partir, pedi a um grupo de crianças de seis anos que se deitasse no chão, de modo a poder olhar as obras por outro ângulo. Espontaneamente, o grupo começou a expressar, com o próprio corpo, o que viam; visto que se tratava de um momento genuíno de contemplação, aproveitei o ensejo e pedi que o fizesse com todas as obras. Disso ressalta o fato de que a apreciação pode ocorrer – e é mesmo desejável que ocorra – em momentos que não aqueles em que estão sendo realizados os exercícios de arte e que o corpo cumpre papel fundamental na produção de conhecimento.” Jefferson Dias, arte-educador

“[...] o que o homem toca se tinge de intencionalidade: é um ir para... O mundo do homem é o mundo do sentido. Ele tolera a ambiguidade, a contradição, a loucura ou o embuste, não a carência de sentido. O próprio silêncio é povoado de signos.” Octavio Paz (Cidade do México, 31 de março de 1914 — Cidade do México, 19 de abril de 1998)

3.2.1 ABORDAGENS TEMÁTICAS

São fios condutores para despertar a curiosidade dos visitantes. São também os pilares do processo de trabalho dos arte-educadores porque são temas, perguntas, textos, objetos ou imagens que provocam os estudantes a interpretar as obras de arte sem induzi-los. Importante considerar que, ao longo da experiência de atendimento aos grupos, as abordagens temáticas entrecruzam-se e não raro resultam em novos enfoques.

O SILÊNCIO COMO ABORDAGEM

“Um grupo chegou bastante silencioso e permaneceu assim no início da visita. Sem falar nada, deixamos que o silêncio prevalecesse por alguns minutos. Como imaginado, todos ficaram sentados à espera de que disséssemos algo. Mantivemo-nos em silêncio até que alguns estudantes começaram a dizer: ‘o silêncio incomoda’, ‘estou ficando aflito’, ‘o que significa isso?’, ‘ele pode ser bom’, ‘quase não ficamos no silêncio, é tão diferente do barulho lá de fora onde não escutamos ninguém...’. Na sequência dos comentários, sem responder a nenhum deles, lhes pedimos que usassem o silêncio para apreciar as obras de arte, e, delas, tentassem extrair palavras para criar um texto narrativo, poesia ou um diálogo fictício com algum personagem representado. Propusemos que interpretassem o silêncio de uma obra de arte. Quantos significados podemos lhe dar? Quais são mais silenciosas? Onde o silêncio ensurdece? Essa proposta é um dos exemplos de abordagens temáticas que sugerimos para a prática da interpretação.” Sabrina Malpeli e Mariana Whately, arte-educadoras

3.2.2 CAIXAS DE IMAGENS, TEXTOS E OBJETOS

O material pedagógico é composto basicamente de textos e imagens em pranchas plastificadas que provocam e estimulam a interpretação das obras de arte e exploram a capacidade dos estudantes de elaborarem abstrações a partir de metáforas.

Incluem prosa e poesia brasileiras; obras de arte de todos os tempos; imagens jornalísticas do mundo; outras obras dos artistas expostos; imagens, objetos e sons; perguntas “filosóficas”; textos sobre estética e história da arte; fotos dos artistas e trechos de poemas.

Possibilitam a criação de várias conexões por oposição ou afinidade, com as obras de arte expostas.

“Por meio do material pedagógico provocador, a aproximação com a obra de arte pode vir a ocorrer de um modo sugestivo e sem obstar a geração de conhecimento fresco – isto é, o grupo não é influenciado por uma interpretação prévia; é, antes, estimulado a apreciar a obra de arte, a participar da construção de significados, a conferir sentido a uma experiência.” Jefferson Dias, arte-educador

Perguntas “filosóficas”:

- O que seria da vida se ela fosse pura ordem?
- O que torna as pessoas diferentes?

Perguntas “elásticas”:

- Quando os olhos sentem cêcegas?
- O que não cabe mais dentro do corpo?
- Onde o nada dorme?
- Onde nada dorme?

Minipoemas:

- Calça sandálias de papel.
- Atravessa espelhos com brutalidade.
- O tempo se quebrou em pedaços.
- Escala ideias até cair.
- Suas cicatrizes são desenhos rupestres.
- Range os dois hemisférios do cérebro.
- Fica dividido entre a fragilidade do seu corpo e a brutalidade do seu beijo.

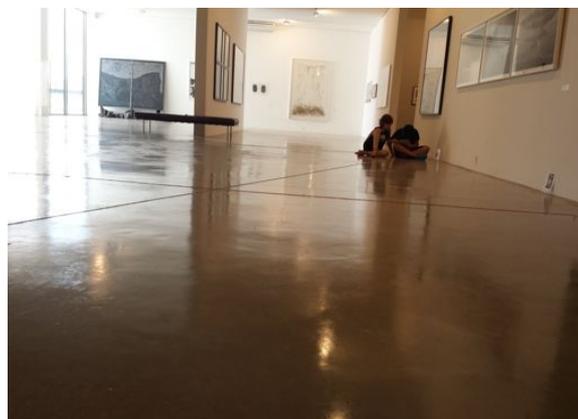
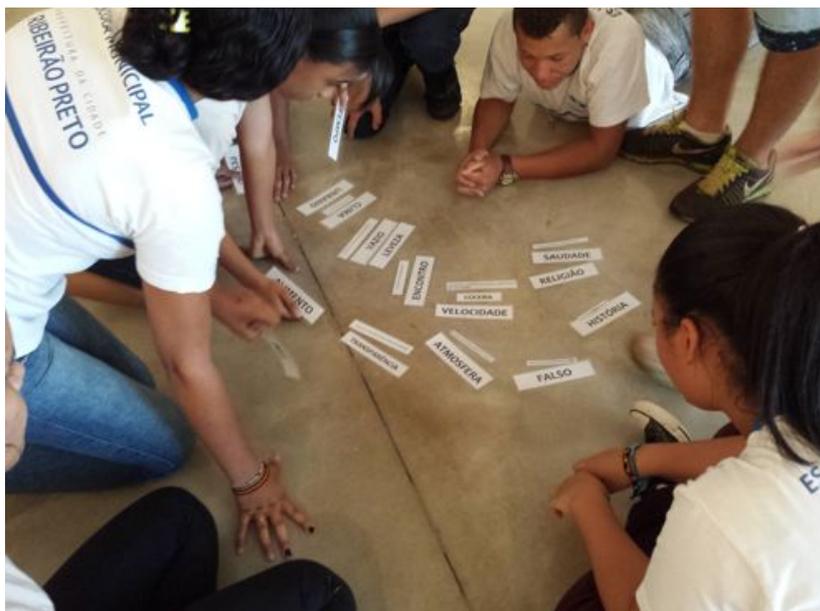


Estudantes do SESI de Ribeirão

3.2.3 EXERCÍCIOS DE ARTE

“A arte é lugar de produção de uma sociabilidade, é o espaço dos encontros.”
Nicolas Bourriaud (França, 1965)

EXPOSIÇÕES DE ARTE EM MUSEUS E INSTITUIÇÕES CULTURAIS FUNDAM LUGARES DE “ENCONTROS” ENTRE AS PESSOAS, PORQUE CRIAM FORMAS DE SOCIABILIDADE QUE SE DISTINGUEM DE OUTRAS. MAIS DO QUE UM ESPAÇO EXPOSITIVO, O IFF TEM SIDO UM LABORATÓRIO QUE SE CONSOLIDA COMO UM ÂMBITO DE TROCAS, DISCUSSÕES, CONVERSAS, ENFIM, UM LUGAR EXTREMAMENTE VIVO E ESTIMULANTE.



OS EXERCÍCIOS DE ARTE POSSIBILITAM A ESTUDANTES, QUE JÁ SE CONHECEM E ESTUDAM JUNTOS DIARIAMENTE, QUE SE SINTAM À VONTADE TANTO PARA EXPRESSAR PONTOS DE VISTA QUE NÃO REVELARIAM EM SALA DE AULA, COMO TAMBÉM PARA TROCAR IDEIAS ENTRE ALGUNS COM OS QUAIS NUNCA SE RELACIONARAM.

Os arte-educadores recebem uma turma de estudantes. Ela é dividida em três grupos, que, por sua vez, são subdivididos em grupos menores. A estes são sugeridos exercícios de arte diferentes. Em todas as atividades, com lápis e prancheta nas mãos, os estudantes usam a palavra escrita para registrar narrativas, apreciações e comentários. Todos, ao final, compartilham o resultado de suas experiências.

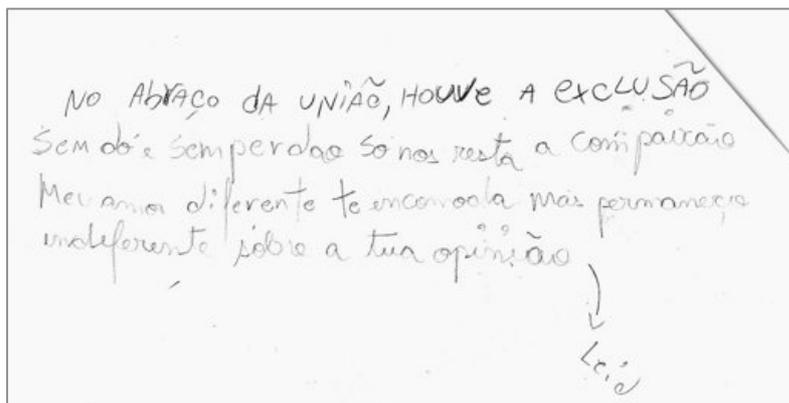
Exemplos de como acontecem:

Artista Invisível

Diante da obra de arte escolhida, os estudantes imaginam quais seriam as características físicas e psíquicas do artista que a criou. Em um segundo momento, eles redigem uma breve ficção, em que o artista passa a ser personagem.

Enigma

Criam e escrevem frases, perguntas ou poemas baseados em uma obra de arte. Ao final, leem seus textos para que outros grupos de estudantes adivinhem a qual obra o texto poderia se referir. Uma outra possibilidade de desdobramento desta atividade é o uso da linguagem corporal para a apresentação de uma performance também como enigma.



José Roberto Aguilar (São Paulo,
1941)
Inferno de Dante, 1989
acrílico sobre tela

Enigma para a obra *Inferno de Dante* (1989):

“No abraço da união, houve a exclusão
Sem dó e sem perdão só nos resta a compaixão
Meu amor diferente te incomoda mas permaneço
Indiferente sobre a tua opinião.”

Transcrição literal do exercício de arte realizado por estudantes da rede particular de ensino, 13-14 anos.

Escritor por um dia

Os estudantes colocam-se no papel de escritores. Criam textos – prosa ou poesia – com base na apreciação que fizeram da obra de arte.

Rede poética

Em um pequeno espaço na exposição – território de cada arte-educador – um pequeno grupo de estudantes escolhe algumas obras de arte para apreciação. Em um segundo momento cria relações formais e de conteúdo entre elas, tanto por afinidade quanto por oposição. Depois, as conectam com barbantes coloridos esticados no chão com fita adesiva. Finalmente, comentam com todas as outras pessoas o porquê das suas escolhas e as justificam.

Castelo de Palavras

Perguntas plastificadas, de natureza vária – filosóficas, elásticas –, são colocadas no chão e palavras, no mesmo formato, são distribuídas aleatoriamente aos visitantes. O arte-educador lhes pede então que leiam as perguntas, pensem sobre elas e as relacionem com as palavras, de modo que as disponham com liberdade e criem assim um castelo de significações. Após essa primeira etapa, escolhem um conjunto de pergunta e palavras para relacionar com uma obra de arte.

Jornalista por um dia

Algumas modalidades desse exercício de arte:

- 1) A partir da interpretação de uma notícia de jornal, sintetizam o argumento e as ideias principais para relacioná-la com uma obra de arte.
- 2) Elaboraram uma pauta para entrevistar o arte-educador.
- 3) No papel de repórter, um dos estudantes cria perguntas para que outro do grupo, no papel de artista, responda-as.

Que perguntas uma obra de arte lhe faz?

Depois de olhar atenta e calmamente uma obra de arte que escolheram, imaginam que perguntas ela lhes faria. Em um segundo momento, procuram eles mesmos respondê-las.

Performances

Podem acontecer da seguinte maneira: em dupla, um estudante é vendado enquanto o outro faz a leitura de textos sobre arte para que seu parceiro tente identificar e seguir o som de sua voz. Aquele que lê se movimenta de forma a desorientar e despistar o seu parceiro vendado. Isso tudo acontece com cinco ou mais duplas ao mesmo tempo. A intenção é aprimorar a escuta sem o uso da visão, com base em uma desorientação espacial.

“Quando recebemos o grupo de idosos do SESC Ribeirão Preto, duas senhoras integrantes eram chinesas. Durante nossas conversas uma delas traduzia para a outra o que estávamos falando. Ao propor o exercício de arte sugeri que realizassem uma performance, por ser expressão não limitada à linguagem verbal. Elas fizeram os movimentos e sons do vento balançando os braços e assoprando suavemente.” Mariana Whately, arte-educadora.



Lole de Freitas (Belo Horizonte, MG,
1945)
Sem título, 2011
Aço inox e policarbonato
300 x 780 x 470 cm

Composição musical

Os estudantes compõem uma letra para uma canção a partir da apreciação da obra de arte que escolheram; depois a executam, sem ou com o acompanhamento de instrumentos musicais ante os outros grupos.

“Quando alguns professores mencionam que vão repetir os exercícios de arte em sala de aula achamos importante comentar que o planejamento de visita é desenvolvido a partir de um conjunto de ideias que cada arte-educador leva a efeito com autonomia, com base no perfil do grupo. Suas propostas estão concentradas em projetos e pesquisas pessoais, interligados ao território escolhido. Além disso, há também a participação dos estudantes. Para dar leveza e emoção às experiências, o processo do trabalho é flexível, suscetível a mudanças. Portanto, não se trata de uma prática ‘lúdica’ a ser repetida simplesmente.” Vera Barros, coordenadora do Programa Educativo IFF

4. OS ARTE-EDUCADORES E SEUS PROJETOS AUTORAIS

“A intenção de que os arte educadores do IFF estabeleçam sempre projetos autorais para as visitas orientadas está diretamente conectada com a noção de autonomia. Autonomia de escolher os artistas cujas obras desejam pesquisar para criar um lugar onde haja possibilidade de abordar diferentes olhares, metáforas e histórias. Projetos educativos personalizados propiciam a prevalência da contemplação e da curiosidade intelectual. Não se trata de um documento fechado metodologicamente, mas de um trabalho que se alimenta das atitudes e das experiências do público, em uma relação de alteridade, ou seja, de interação e dependência, como fonte primordial de pesquisa continuada para conectar suas interpretações com significados que diferentes artistas atribuem às suas obras.” Vera Barros, coordenadora do Programa Educativo IFF

- “Algumas obras de arte me despertam uma empatia estética imediata e outras, com a convivência, conquistam o meu olhar. Elas são espaços de encontro. Podem nos questionar ou ser apenas convite para um deleite visual. Obras como *Sala de espera* (2001) de Janaina Tschäpe, *Oblívio I e IV* (2011) de Vagner Malta Tavares, *Diálogo com Amaú* (1983-1997) de Miguel Rio Branco e *Estudo para espaço* (2009) de Marcelo Moscheta me fizeram pensar e sentir com intensidades diferentes. Olhá-las frequentemente suscitou elaboração de conceitos como angústia (falta), atração e devaneio.” Sabrina Malpeli, arte-educadora



1.



2.



3.



4.

1. Tschäpe, Janaina (Munique, 1967)
Sala de espera (Terrace), 2001
impressão fotográfica cibachrome sobre papel
103 x 154 x 3 cm

2. Miguel Rio Branco (Las Palmas de Gran Canária,
1946)
Diálogo com Amaú, 1983-1997
Série

3. Marcelo Moscheta (São José do Rio Preto, 1976)
Estudo para espaço, 2009
Série
algodão, caixa de acrílico e poliéster montada sobre
base de MDF com iluminação interna
160 x 180 x 26 cm

4. Wagner Malta Tavares (São Paulo, 1964)
Oblívio I, 2011
Oblívio IV, 2011
Série
impressão iato de tinta

- “O conjunto de obras do meu território suscitou temas como mito, história, paisagem, real e simbólico, sagrado, mistério, liberdade, solidão, silêncio, sonho, efemeridade, identidade, representação, ritmo, ausência, medo, desvio, transparência, memória, tempo e morte.” Sabrina Malpeli, arte-educadora
- “Concentrar-se em uma pequena parte da exposição e pensar nos diálogos que as obras daquele território criam entre si é algo que propicia a escolha de um material pedagógico que funcionará como abordagem. A autonomia advinda daí aproxima a prática do arte-educador do fazer artístico, e o mesmo acontece com os estudantes durante a interação com algumas obras, porque são criadas condições para o exercício de autoria colaborativa.” Lívia Diniz, arte-educadora
- A elaboração do meu material pedagógico provocador confere organicidade aos encontros (o que acontece é uma troca de ideias entre o arte-educador e os visitantes), porque o conhecimento do que se tem à mão durante um encontro possibilita desenvoltura, e mesmo uma atenção generosa relativamente ao acaso, isto é, é possível, assim, propiciar relações e mediar de modo mais adequado aquelas que, a partir de suas mundividências, as pessoas estabelecem entre a abordagem e as obras e contextos que acarretam.” Jefferson Dias, arte-educador

4.1 “QUESTÕES CENTRAIS”

É um termo que faz parte do repertório conceitual do programa educativo. Ele se refere aos principais temas e assuntos que os artistas investigam ao longo de sua trajetória, isto é, o que motiva as suas criações.

Como a obra de arte de um artista se insere na história da arte e na contemporaneidade? O que ela carrega dessa história? Que noções de natureza estética ela sugere? Quais suas técnicas e processos materiais de realização? O que ela tem de singular? O que em sua linguagem a torna única?

Os arte-educadores têm a liberdade de introduzir as questões centrais no planejamento da visita quando acharem mais adequado.

- “Considero importante o tratamento das questões centrais para que a pessoa conheça que há um projeto estético em jogo e para que perceba que a intenção do artista não obsta uma multiplicidade interpretativa.” Jefferson Dias, arte-educador
- “O momento oportuno para trazê-las à baila não implica engessamento; trata-se de uma sensibilidade, de uma atenção relativamente às contingências e peculiaridades do grupo: na maioria das vezes, opto por dizer algo a esse respeito ao final dos exercícios, assim não corro o risco de influenciar a apreciação; por vezes me parece adequado falar sobre questões centrais no decorrer da produção textual, o que pode servir como estímulo; há também ocasiões em que isso vem à tona espontaneamente, por exemplo ao longo de uma primeira troca de ideias entre mim e os grupos.” Jefferson Dias, arte-educador
- “Não costumo apresentar logo no início as questões centrais dos artistas. Procuro ouvir o que os visitantes têm a dizer, o que conseguem extrair sozinhos das obras durante a apreciação, a partir de seus próprios repertórios, e estimular a capacidade de abstração dos grupos. Posteriormente, durante as apresentações dos textos, das performances, das entrevistas etc., isto é, no momento em que todos ouvem a todos, introduzo as questões centrais dos artistas por eles escolhidos. Agindo dessa forma, penso que as pessoas podem ter mais liberdade durante o momento de apreciação.” Livia Diniz, arte-educadora

O texto transcrito abaixo mostra como um visitante se aproximou das questões centrais relativas à obra de Marcelo Moscheta:

“Se o homem aproximar sua orelha da face nua de uma montanha poderá ouvir, se estiver muito atento, aos murmúrios e lamentos da rocha antiga. A pedra silenciosa, caso queira, poderá contar ao paciente ouvinte um pouco da sua história. Com um certo saudosismo, talvez, ela relate seus primeiros momentos como montanha, com o calor que sentia entre suas vísceras ainda quentes após a criação. Elas poderão também recorrer sobre como, com o passar dos minutos, foi se esfriando, com as primeiras chuvas a lhe dar boas vindas. Por querer te roubar de chateação, a montanha poderá não lhe contar sobre como viu a vida surgir aos poucos sobre suas faces. Ainda agudas e como aos poucos perdeu seu cume afiado. Talvez ela lhe conte sobre como os primeiros homens morando em reentrâncias. E como esses mesmos homens cresceram, e que com martelos e picaretas de bronze lhe feriram a casca para extrair pedras. Estas que talvez viajaram o mundo para construir outras montanhas do gosto dos homens.



Ela pode lhe contar também sobre como esses mesmos homens viveram e morreram, sobre suas glórias e suas decadências. Se quiseres ouvir, talvez a pedra lhe conte algo e lhe sussurre segredos. Mas, se mesmo atento, teu ouvido não escutar a rocha, não despeje sobre ela tua frustração. Seus contos poderiam vir de suas tristezas e a montanha pode estar triste demais para falar algo de antes e depois do tempo do mundo perdido em sua solidão de pedra.” André Aleixo Pederson, 18 anos.

Marcelo Moscheta (São José do Rio Preto, 1976)
Pouliguen, 2011
Série
grafite sobre PVC, ferro e pedras

O texto acima foi enviado a Marcelo Moscheta, cuja resposta se pode ler a seguir:

“Queridas Sabrina e Vera,
que bacana poder receber um relato dessa forma tão marcante. Fiquei feliz demais de ver como vocês trabalham a exposição e a forma alongada no tempo para a apreciação de uma única obra. Certamente os frutos brotam de maneira eficaz e o trabalho que é feito no IFF, com essa seriedade que estão mostrando, vai mudar uma geração. Muitíssimo obrigado por compartilhar! Vida longa a todos vocês! E parabéns pelo lindo trabalho. Fico feliz de poder colaborar!
Um gande beijo”

4.2 SOBRE A DIVERSIDADE DE PÚBLICO

“O IFF recebe grupos de pessoas de todas as faixas etárias, e é interessante tentar avaliar suas interações com a Coleção IFF.

Tem sido curioso observar, nas avaliações, que as fronteiras entre as idades dos diferentes perfis dos visitantes não parecem tão rígidas como normalmente estatísticas e análises-padrão comportamentais demonstram. Interpretações das obras de arte, expectativas e visões de mundo de crianças, adultos, professores, adolescentes, idosos, vestibulandos, universitários, pessoas de diferentes níveis sociais se assemelham e se misturam.

Por quê? Talvez por não se tratar de um público frequentador do circuito artístico? Um público que não teve oportunidade de se acercar deste âmbito e que muitas vezes não percebe a arte enquanto área de conhecimento? Advindo de uma educação que privilegia aspectos funcionais e tende a preparar para o mercado de trabalho?” Vera Barros, coordenadora do Programa Educativo IFF

- “A avaliação do trabalho que realizamos é qualitativa e horizontal. Comparei diferentes perfis de público deste ano com os anteriores e pude perceber algumas mudanças sutis no percurso do meu trabalho. Foi preciso, para cada visita orientada, que eu atuasse de forma cuidadosa para escutá-los com atenção ao invés de intervir. O IFF recebeu predominantemente estudantes das parcerias com escolas públicas estaduais e municipais, entre 11 e 15 anos, nos anos de 2013 e 2014. Em 2015, houve uma variação significativa de idades e escolaridade. Em razão disso, as escolhas de abordagens temáticas e exercícios de arte ficaram mais adequadas às especificidades de cada grupo. Foi importante ficar mais atenta aos detalhes e expectativas de cada pessoa.” Sabrina Malpeli, arte-educadora



Estudantes da Escola USP – Estudo de Gestão de Políticas Públicas Contemporâneas

- “Percebi que uma ideia recorrente entre crianças e adolescentes é a de que o campo das artes seria algo inapreensível, remoto, e que um espaço sofisticado e, na visão deles, elitizado, requereria formalidade. Surpreendem-se sempre quando se percebem à vontade, sentados em círculo no chão de um museu, para dialogarmos ante as obras. O uso de trechos de músicas, por exemplo, pode catalisar a aproximação entre os estudantes e as obras de arte; a identificação com as letras das canções acaba se espalhando pelas obras escolhidas por eles.” Jefferson Dias, arte-educador

HÁ A IMPRESSÃO DE QUE PARTE DO PÚBLICO QUE VISITA A COLEÇÃO IFF AINDA NÃO TEVE OPORTUNIDADE DE CONHECER MELHOR A ARTE BRASILEIRA E POR ISSO ACABA SOBREVALORIZANDO A INTERNACIONAL. TALVEZ ALGUNS CONSIDEREM APENAS OBRAS CANÔNICAS E NÃO SE INTERESSAM POR ARTE CONTEMPORÂNEA, E PORVENTURA PENSEM QUE O VALOR DA ARTE RESIDIRIA EM SUA CONSAGRAÇÃO HISTÓRICA, MERCADOLÓGICA OU MIDIÁTICA.

OS ARTE-EDUCADORES COMPARTILHAM PENSAMENTOS, ESCUTAM AS APRECIÇÕES DOS ESTUDANTES E, PRINCIPALMENTE, OS RECONHECEM COMO FONTE DE CONHECIMENTO.

“Não há preocupação em se informar sobre a realidade social dos estudantes, mas em observar as particularidades de cada um, já que isso não influenciaria diariamente o trabalho que é realizado pelo



Programa Educativo.” Vera Barros, coordenadora do Programa Educativo IFF

4.2.1 IDOSOS

Adultos da terceira idade, frequentadores do SESC Ribeirão Preto, pela primeira vez visitaram o IFF. Pela forma com que interpretaram as obras de arte contemporânea, sem preconceito e sem nostalgia do passado, é possível supor uma relação muito próxima entre eles e o tempo presente, porque atualizados constantemente pela programação cultural, esportiva e social do SESC.

- “Eles se envolveram de maneira intensa, física e intelectualmente, ansiando ante a possibilidade de ouvirem e de serem ouvidos – sua presença ativa pôs preconceitos em xeque. O discurso da maioria se pautava por um estreito vínculo com o presente; a concepção saudosista de um passado se revelou exceção. De modo geral, uma acentuada energia vital se patenteava; dá testemunho disso o trecho seguinte, escrito por alguns acerca da obra *Inferno de Dante* (1989), de José Roberto Aguilar: ‘vou vivendo a cada dia este mistério sem fim, descobrindo novos caminhos e novas atitudes em mim’”. Jefferson Dias, arte-educador.
- “Uma senhora do grupo se mostrou aberta e receptiva, disse ter ‘dificuldades com a memória’, o que me levou a pensar na interferência e atuação da memória no processo de conhecimento.” Mariana Whately, arte-educadora
- “Dividi o grupo em pares e sugeri que lessem alguns trechos literários. Um deles escolheu o poema de Ferreira Gullar e o relacionou a obra de Tatiana Blass, *Metade da fala no chão* (2010):



*Aqui me tenho
Como não me
conheço
nem me
quis

sem começo
nem fim

aqui me
tenho
sem mim

nada lembro
nem sei

à luz presente
sou apenas um
bicho
transparente*

Iniciaram uma conversa sobre o piano. Uma delas disse:

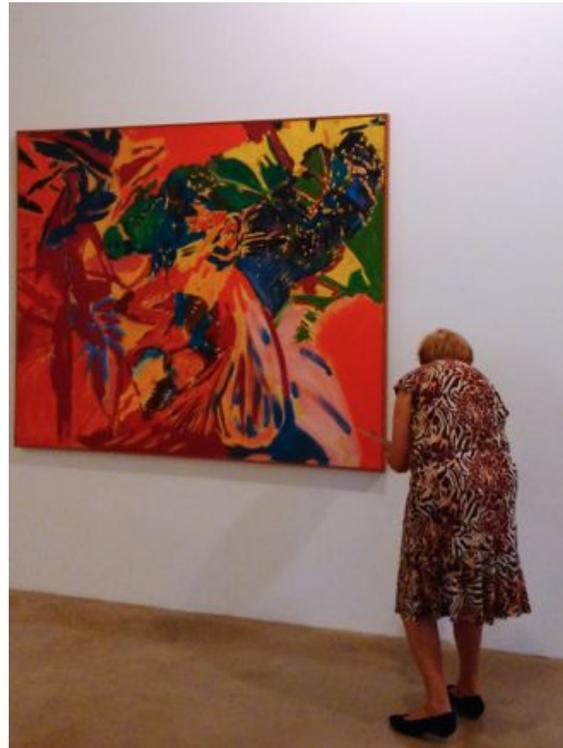
- Esse piano está nos mostrando que tudo acabou, esta destruído, jogaram isso tudo pra acabar com tudo, com a música, morreu. É como quando não temos memória: some, tudo some. Você já se sentiu assim? Quando dá vontade que existisse uma cidade chamada 'sumiço', pra onde você vai quando não tem mais nada nem ninguém. Como eu, que já não tenho família, e nem tenho mais todas as lembranças do que tive. Jogaram essa cera na minha cabeça.

A outra completou:

- Isso, é como esse poema está dizendo, que somos transparentes, às vezes tudo o que vivemos, como se fosse a música que tocamos, some, fica transparente, e sobra só o que estamos sendo agora".
Mariana Whately, arte-educadora



Estudante da ADEVIRP



Visitante do SESC de Ribeirão

4.2.2 CRIANÇAS

“Recebemos as crianças deficientes visuais, vinculadas à ADEVIRP – Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto. Ainda enquanto as recebíamos, a arte-educadora Sabrina me introduziu a elas como sendo poeta e jogador de futebol.

A visita organizou-se, como de costume, levando em conta as particularidades dos visitantes; desse modo, permitiu-se, excepcionalmente, o toque nas obras de arte, mediado pela descrição das mesmas. Após o contato com o trabalho de Márcia Xavier (*Horizonte inebriante pinga*, 2013), um dos meninos questionou-me sobre minhas vocações, aparentemente díspares, ao que eu respondi que jogava futebol com as palavras. Notadamente interessado, ele perguntou se eu as chutava e eu respondi-lhe afirmativamente. Nós educadores indagamos-lhe a respeito de como ele pensava que seria a prática de tal modalidade e, de modo intuitivo, ele respondeu que era preciso lançar as palavras ao gol – eu disse-lhe que essa seria uma possibilidade, mas que, para efeito de poesia, eu preferiria as palavras que eram jogadas para fora. A síntese desse diálogo inopinado resultou na criação do seguinte mini-poema: ‘joga futebol com as palavras e as chuta para fora’.

É tempestiva a nota a respeito de como, interessantemente, a produção intelectual se dá em todos os âmbitos, advinda de múltiplas direções, de modo a quebrantar a percepção inadequada de que, por exemplo, a figura do professor seria única detentora do conhecimento; no caso da composição do mini-poema acima, viu-se que o processo de aprendizagem deu-se de maneira colaborativa.” Jefferson Dias, arte-educador

Experiência de olhos vendados com um grupo de crianças de cinco anos

Como abordagem, a arte-educadora vendou os olhos de uma criança de cada vez, a fim de que os colegas descrevessem uma obra de arte para ser imaginada e posteriormente identificada por eles:

- “A obra escolhida foi a escultura de Edgar de Souza (*sem título*, 1997). Descreveram-na como dois corpos colados sem cabeça e sem braços, como se um quisesse entrar no outro. Intrigados a respeito do que poderiam significar aqueles corpos grudados, uma das crianças falou: ‘eu acho que um quis entrar dentro do outro para ver como é lá dentro da barriga’. Questionei se já havia sentido essa vontade e respondeu que gostaria de ver como éramos por dentro. A partir desta curiosidade tentaram espontaneamente se movimentar como se seus corpos juntos pudessem adquirir novas formas. Enquanto se mexiam, foram construindo reflexões como: ‘a gente não consegue virar um homem de quatro pernas como esse’; ‘o nosso corpo pode juntar e separar, mas o corpo da escultura é um só, nasceu assim’. Ficou evidente a perspicácia com que as crianças compreendem as questões centrais da obra do artista, neste caso, identificaram as forças de atração e divisibilidade simultâneas e paradoxais presentes na obra de Edgar de Souza.” Mariana Whately, arte-educadora
- “Compartilhar de um longo tempo, junto de crianças com cinco anos, da fruição da obra da artista Tatiana Blass *Metade da fala no chão*, foi uma experiência que revelou como conseguem viver intensamente o momento presente. Assistiram ao vídeo de cerca de 20 minutos, na íntegra, quase sem piscar e surpreendentemente comentaram: ‘o músico não aguentava mais tocar aquela música, então pediu que alguém fizesse o piano parar de tocar’; ‘alguém estava com inveja que ele sabia tocar e mandou estragarem o piano’; ‘o piano estava cansado e pediu para se aposentar, como o meu avô’; ‘na verdade, a artista quis fazer isso pra gente pensar que tudo que é gostoso acaba, igual quando a gente chupa um pirulito’; ‘é como a gente, existe um monte de outros pianos que vão continuar tocando, mas esse nunca mais tocará’.” Mariana Whately, arte-educadora



Estudantes da rede Particular de ensino de Ribeirão Preto

“As crianças sempre me surpreendem. Algumas olham para as obra de arte com curiosidade e entusiasmo, e tudo lhes parece ser emocionante. Em geral, nada passa despercebido.” Sabrina Malpeli, arte-educadora

Sobre abstração e cores na obra de Marcus Vinicius:



“Wilson e Walter eram amantes de artes. Viajaram à Amazônia com a missão de criar uma obra de arte. Ficaram encantados com a quantidade de cores que encontraram na paisagem: o verde do mato, marrom da terra, azul do céu, roxo das flores, amarelo do sol e vermelho da fúria. Inspirados na natureza criaram uma obra linda e colorida’.

Curiosamente a professora interferiu no texto da criança, à revelia dela, transformando uma obra totalmente abstrata em figurativa, como revela o seguinte trecho:

‘[...] resolveram criar um rosto em formato retangular. Fizeram os olhos, nariz, as sobrancelhas e bochechas. Em três dias a obra ficou pronta’.

Para valorizar a interpretação da criança, eu lhe disse que algumas obras de arte, como aquela, não precisam ter olhos e nariz, podem ser só pedaços de cor. Sugeri, em seguida, que terminasse sua história como começou. Ele abriu um sorriso e disse: ‘É mesmo, algumas obras são abstru... (tentando dizer abstratas) Como é mesmo o nome?’.” Sabrina Malpeli, arte-educadora



“Mesmo prevalecendo as visitas de adolescentes nas parcerias com a Rede Pública de Ensino e universidades, tem sido um aprendizado interessante receber a visita de crianças de seis anos e perceber sua criatividade e rica interpretação de imagens.



Vik Muniz (São Paulo, 1961)
Série Meninos de açúcar.
revelação fotográfica sobre papel (silver
print)

Coloquei uma venda nos olhos de uma criança. Levei-a até as obras da série *Meninos de açúcar* (1996) do artista Vik Muniz. Quando tirei a sua venda, ela comentou que as crianças retratadas eram estranhas. Então perguntei ao resto do grupo o que achavam. Uma disse que não pareciam normais e outra comentou que eram feias. Pedi que olhassem bem de perto e depois se sentassem no chão para que conversássemos:

- Elas não são de verdade. Estão mortas, alguém disse.
 - Como não são de verdade se podemos vê-las? Perguntei.
- Elas disseram:
- Só vemos as imagens delas, não existem de verdade.
 - Elas são diferentes porque são feitas de pontinhos e são pretas.

Gostaria de ter aproveitado seus comentários para tentar encontrar a melhor maneira de falar sobre o trabalho do artista, sem perder de vista suas reflexões quase transcendentais.

A professora, ansiosa para revelar o material utilizado pelo artista, interrompeu a conversa com a pergunta:

- Do que é feita essa obra de arte? Eu acho que vocês sabem... É aquilo que é colocado no suco para deixar mais gostoso.

Curiosamente, não sabiam ou não entenderam o que ela estava tentando dizer.

Equivocadamente, como a professora, também induzindo, pedi-lhes que tentassem sentir o gosto que tinham, passando a própria língua em seus braços. Gostaram da ideia e começaram a lamber os próprios braços, pernas, mãos...

- Do que vocês são feitas? - perguntei. Qual é o gosto da pele? Todas as peles tem o mesmo gosto? Algumas disseram que tinham o gosto salgado, outras, que sentiam o gosto azedo. O curioso é que nenhuma criança disse que era doce.

Percebi enquanto redigia e avaliava os depoimentos para o relatório que poderia ter me aprofundado em questões poéticas e filosóficas da obra que comentaram, sem induzir-lhes o olhar. O trabalho com as crianças é planejado e cuidadoso, por isso não deveria ter reduzido a obra do artista à técnica e ao material usado.” Sabrina Malpeli, arte-educadora



4.2.3 ENSINO DE NÍVEL SUPERIOR E OUTRAS INSTITUIÇÕES

Ao longo do ano de 2015, o Programa Educativo IFF recebeu a visita das seguintes instituições de ensino superior:

UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto:

- Arquitetura

UNIFRAN – Universidade de Franca:

- Arquitetura e Design

UNIFEB – Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos:

- Bacharelado em Química Tecnológica
- Licenciatura em Química
- Engenharia Química
- Biologia
- Engenharia Ambiental

Centro Universitário Moura Lacerda:

- Pedagogia (reitor e coordenadores pedagógicos)

USP – Universidade de São Paulo:

- Projeto Escola USP – curso de gestão em políticas públicas contemporâneas
- Mestrados em Economia
- Nutrição
- Pedagogia

Estácio | UniSEB – Centro Universitário:

- Arquitetura

Cada visita demanda planejamento singularizado. Tendo isto em vista, não raro são elaborados materiais pedagógicos de modo a permitir uma experiência estética baseada na troca de ideias.

Para a visita dos estudantes de Arquitetura da UniSEB, por exemplo, os arte-educadores percorreram pensamentos de arquitetos célebres e imprimiram algumas citações, tais como:

- o “Em todos os assuntos, mas sobretudo em arquitetura, existem esses dois pontos: – a coisa significada e aquilo que dá sua significância. Aquilo que é significado é o assunto de que podemos estar a falar; e aquilo que dá significância é uma demonstração em princípios científicos.” Vitruvius (século I a. C.)
- o “A Arquitetura deve falar de seu tempo e lugar, mas deve ansiar por atemporalidade.” Frank Gehry (1929)
- o “Se a reta é o caminho mais curto entre dois pontos, a curva é o que faz o concreto buscar o infinito.” Oscar Niemeyer (1907-2012)

As frases acima foram lidas aos estudantes, com o intuito de promover a escuta e o diálogo, bem como uma aproximação entre eles, o espaço e as obras de arte.

Por ocasião da visita dos estudantes da UNIFEB, os arte-educadores tentaram uma aproximação entre arte e ciência, consideraram o tempo na arte e o tempo na pesquisa científica, os paralelos entre a história da ciência e a história da arte. Nortearam suas reflexões por meio das seguintes perguntas:

- Qual a relação que se estabelece entre os materiais utilizados pelo artista, suas linguagens e suas ideias?
- Qual a diferença entre o papel do artista e do engenheiro?
- Seria possível imaginar a exposição como organismo e as obras de arte como corpos? O que isso significa?



“E me parece que o que a ciência bem como a arte e a poesia têm fundamentalmente em comum é a vontade de conhecer o desconhecido. Isto pode envolver o mistério ou aquilo que é aparentemente conhecido mas ainda não revelado. Esta primeira compulsão em direção ao entendimento de qualquer coisa é fundamentalmente o mesmo para o poeta, o artista e o cientista.” Tunga, artista plástico (Palmares, 1952)

O relato a seguir advém de uma reunião com Claudia Passador, professora da pós-graduação em economia da USP, a fim de definir temas fundamentais da exposição “O espírito de cada época”, de modo que funcionassem como eixos condutores para a visita de mestrandos e doutorandos, tais como:

- Desigualdade Social;
- Redemocratização;
- Cultura.
- “Eles chegaram ao IFF sem nenhuma perspectiva para a visita, muitos visitavam pela primeira vez uma exposição de arte contemporânea. Alguns temas foram explorados. Entre eles, a ideia de tempo na arte, na história e no mundo. Percorremos simbolicamente o tempo histórico em quatro décadas, a partir do conjunto de obras de arte da exposição. A ‘viagem’ no tempo fez com que os estudantes reconhecessem alguns acontecimentos históricos. No contexto da exposição, em conversa com os estudantes sobre os aspectos ‘novo’ e ‘desconhecido’ na arte contemporânea, ocorreu-me o pensamento do filósofo Giorgio Agamben, cujo texto fora lido pelos estudantes no início da visita. O desejo de retomar as ideias centrais desse texto surgiu com o comentário do grupo sobre a sensação de distanciamento relativamente às obras de arte. O mesmo grupo escolheu a abordagem temática ‘Desigualdade Social’ :

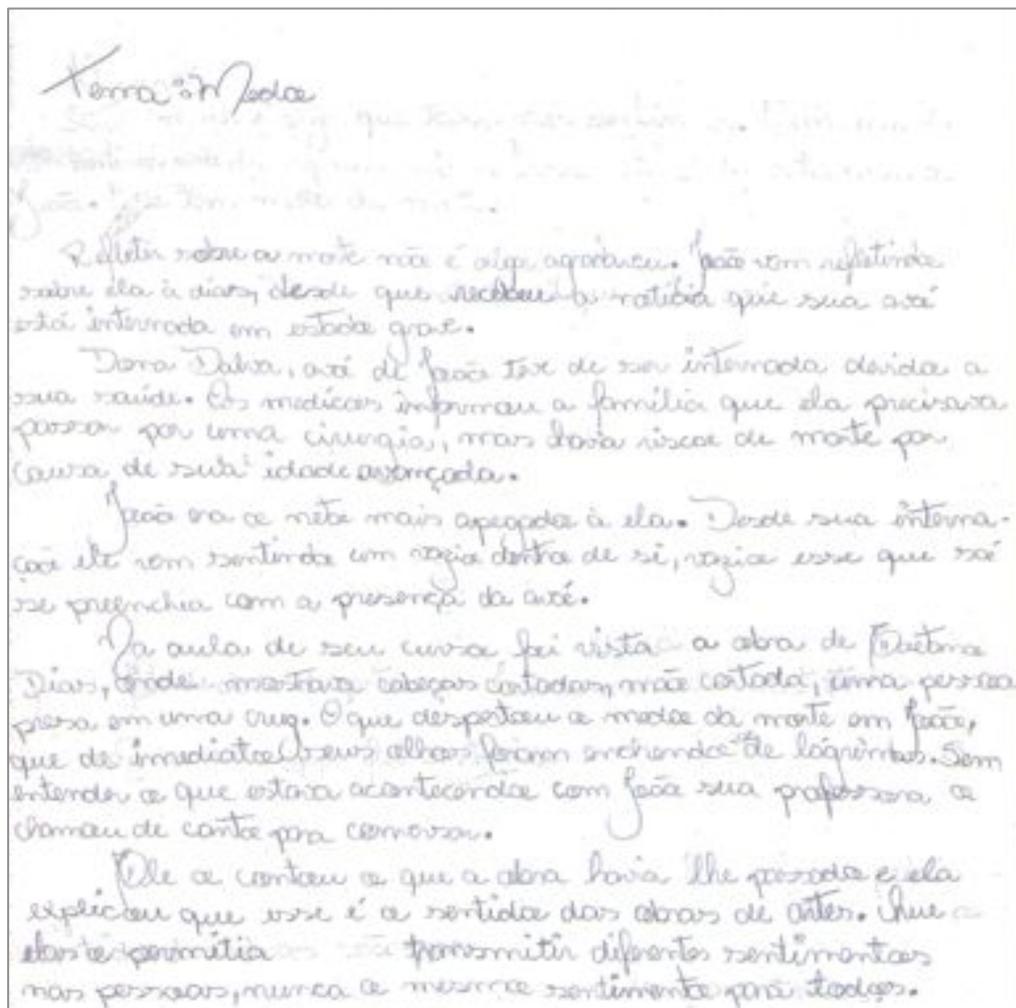


A relação com o tema instigou-os a tentar uma aproximação com as obras de arte:

‘O açúcar remete ao processo de extração da cana de açúcar que, historicamente, foi realizado por negros, que não se beneficiaram da riqueza que ele trazia às classes dominantes. Ironicamente os personagens da obra foram retratados sob a ótica do branco colonizador, materializada pela inversão da técnica (tela de fundo negro desenhada com açúcar). Essas relações também apontam para um processo atual de desigualdade social.’ A apreciação pode apontar para outro aspecto da obra, o qual leva a pensar criticamente na história embutida na memória do açúcar.” Sabrina Malpeli, arte-educadora

VISITA DA ESCOLA DE REDAÇÃO OFICINA LITERÁRIA PUNTEL

Abaixo, digitalização e transcrição de exercício de arte realizado por estudante da Oficina Literária Puntel:



“Refletir sobre a morte não é algo agradável. João vem refletindo sobre ela há dias, desde que recebeu a notícia de que sua avó está internada em estado grave.

Dona Dalva, avó de João, teve de ser internada devido a sua saúde. Os médicos informaram a família de que ela precisava passar por uma cirurgia, mas havia risco de morte por causa de sua idade avançada.

João era o neto mais apegado a ela. Desde sua internação ele vem sentindo um vazio dentro de si, vazio esse que só se preenchia com a presença da avó.

Na aula de seu curso foi vista a obra de Caetano Dias, que mostrava cabeças cortadas, mão cortada, uma pessoa presa em uma cruz. O que despertou o medo da morte em João, e de imediato seus olhos foram se enchendo de lágrimas. Sem entender o que estava acontecendo com João sua professora o chamou de canto para conversar.

Ele contou o que a obra havia lhe passado e explicou que esse é o sentido das obras de arte. Que elas permitiam transmitir diferentes sentimentos às pessoas, nunca o mesmo sentimento para todos.”

Os alunos da Oficina Literária Puntel nos escreveram, tempo depois, para comentar sobre suas expectativas e experiências durante a visita ao IFF e também para agradecer os arte-educadores

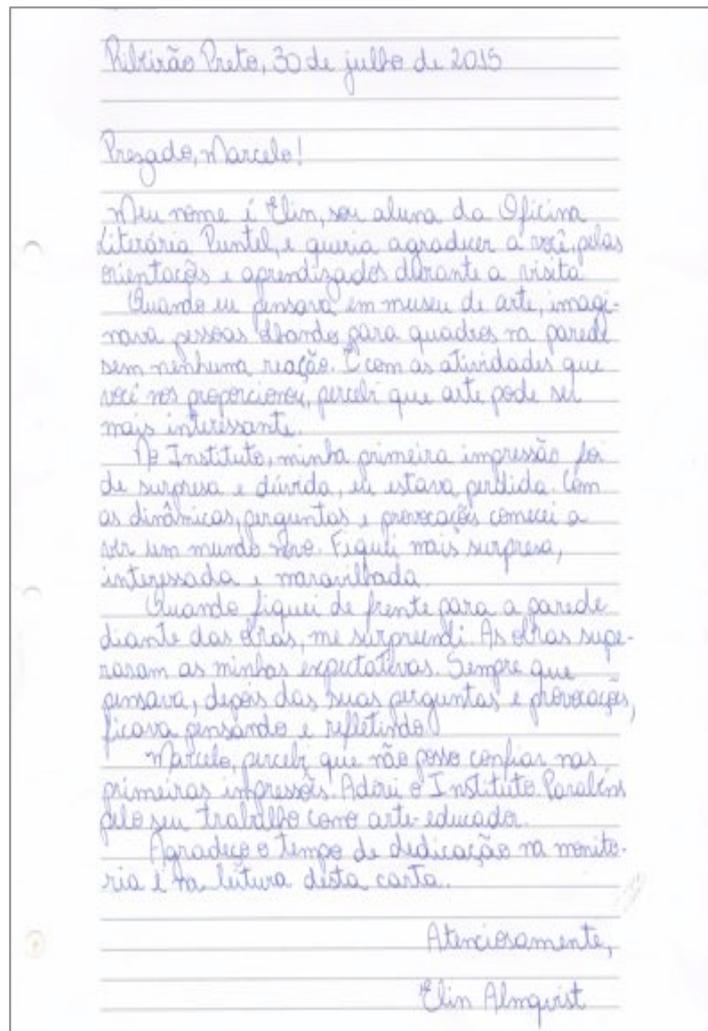
"Prezado, Marcelo!

Meu nome é Elin, sou aluna da Oficina Literária Puntel, e queria agradecer a você, pelas orientações e aprendizados durante a visita.

Quando eu pensava em museu de arte, imaginava pessoas olhando para quadros na parede sem nenhuma reação. E com as atividades que você nos proporcionou, percebi que arte pode ser interessante.

No Instituto, minha primeira impressão foi de surpresa e dúvida, eu estava perdida. Com as dinâmicas, perguntas e provocações comecei a ver um mundo novo. Fiquei mais surpresa, interessada e maravilhada.

Quando fiquei de frente para a parede diante das obras, me surpreendi. As obras superaram as minhas expectativas. Sempre que pensava, depois das suas perguntas e provocações, ficava pensando e refletindo.



Caetano Dias (Feira de Santana, 1959)
Sem título, 2005
fotografia sobre painel



4.2.4 ENCONTROS DE FORMAÇÃO

"Desde 2013 o Educativo IFF tem realizado, continuamente, palestras e encontros para a formação de professores, coordenadores pedagógicos e diretores da rede pública de ensino, bem como daqueles das universidades públicas e privadas de Ribeirão Preto, além de dirigentes e funcionários de empresas. Enfoques diferentes são planejados para cada audiência, para cada perfil, a fim de que conheçam a Coleção IFF, a arte contemporânea e os princípios norteadores do Educativo IFF. Agregados a esses três temas centrais, tem sido explorado o conceito de "cultura visual", que implica compreensão, interpretação e avaliação das produções artísticas e das manifestações simbólicas de caráter visual, em suas diferentes épocas e culturas." Vera Barros, coordenadora do Projeto educativo IFF

"Nas avaliações dos professores e mesmo durante as visitas, é frequente fazerem comentários sobre o comportamento diferenciado dos alunos enquanto visitam o IFF. Os professores se surpreendem com o interesse e o envolvimento que manifestam durante a apreciação das obras e na produção dos exercícios de arte. Acredito que como nós arte-educadores oferecemos liberdade e autonomia para que cada estudante expresse suas reflexões e questionamentos, sem que haja cobrança por resultados, eles acabam por se tornar protagonistas da construção de novos conhecimentos, o que faz com que prevaleça o envolvimento e não o desinteresse." Mariana Whately, arte-educadora

"As abordagens são pertinentes e criativas, os alunos foram verdadeiramente envolvidos com a proposta do educativo. Devido ao comprometimento dos monitores, permaneceram concentrados e sedentos por novos conhecimentos." Professora da Rede Municipal – EMEF Prof. Raul Machado

Coordenadores da rede Estadual de ensino de Ribeirão Preto



4.3 NOVAS ABORDAGENS E EXERCÍCIOS

No segundo semestre de 2015, os arte-educadores produziram material pedagógico provocador a partir do livro *Le beau et l'art, c'est quoi?*, do filósofo francês Oscar Brenifier, em que se delineiam, de maneira bastante sugestiva, questões importantes acerca do que seja a arte e o conceito de beleza. O conteúdo foi adaptado, de modo que perguntas foram elaboradas e plastificadas:

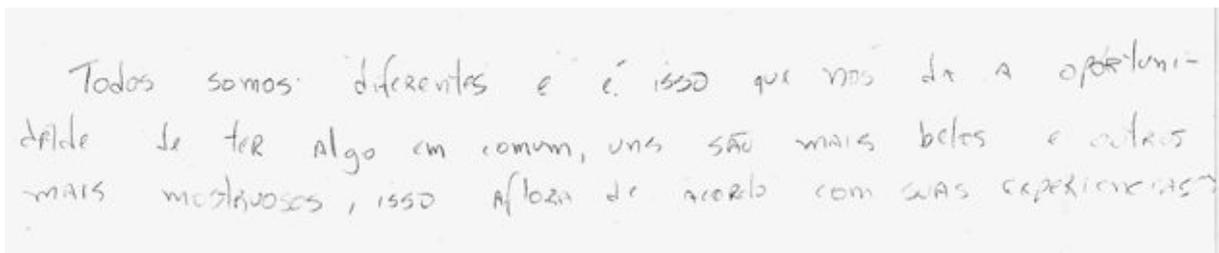
Para que serve a arte?

Temos todos a mesma ideia de beleza?

A arte abstrata, que não se parece com nada, pode ser bela?

O artista é livre para criar?

- “Com a abordagem ‘Temos todos a mesma noção de beleza?’, uma estudante do 2º ano do ensino médio redigiu o seguinte texto: ‘todos somos diferentes e é isso que nos dá a oportunidade de ter algo em comum, uns são mais belos e outros mais monstruosos, isso aflora de acordo com nossas experiências.’” Livia Diniz, arte-educadora



Digitalização do exercício de arte realizado por estudantes do SESI de Ribeirão Preto, 16 anos.



José Roberto Aguilar (São Paulo, SP, 1941)
Inferno de Dante, 1989
Série
acrílico sobre tela

- “Muitos adolescentes ficam perplexos ante a carência de função prática das obras. Uma garota disse o seguinte: ‘eu só gosto do que entendo e só compro aquilo de que gosto; jamais compraria um quadro como esse, porque não o entendi’ (referindo-se à tela *Inferno de Dante*, de José Roberto Aguillar). Lembrando-me de Oscar Brenifier, perguntei-lhes se era possível gostar de algo que não entendêssemos. Visto que a resposta fosse negativa, sondei-lhes sobre sua familiaridade com a língua inglesa, se entendiam as músicas que ouviam, cantadas nesse idioma. Disseram-me que não, ou que mais ou menos; perguntei, então, se gostavam dessas canções, e responderam que sim – é claro que a cultura de massa importada poderia ser discutida a partir de um enfoque que abrangesse relações de consumo e de colonialismo, mas quis me ater às questões sobre apreciação e compreensão. Questionei-os novamente, por meio de uma variação da mesma pergunta: era preciso entender uma coisa para que a pudéssemos apreciar? Responderam-me que não. Seguiu-se silêncio contemplativo.” Jefferson Dias, arte-educador.

O EXERCÍCIO DE LINGUAGEM VISUAL COMBINADO COM A ESCRITA, COM A ORALIDADE E COM A MOVIMENTAÇÃO CORPORAL LEVA OS ESTUDANTES A LUGARES POR VEZES DESCONHECIDOS.

“A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho da sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. [...] o idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanha de cinzas.” João Guimarães Rosa (Cordisburgo, 27 de junho de 1908 — Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1967)

Estudantes da rede particular de ensino de Ribeirão Preto



4.4 CONVERSAS FILOSÓFICAS, CONVERSAS SOBRE ARTE

AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS DOS ESTUDANTES NO IFF NÃO ACARRETAM RESPOSTAS DEFINITIVAS, SOMENTE MAIS ESPECULAÇÕES. OS ARTE-EDUCADORES ELABORAM PROPOSTAS DE DIFÍCIL ACESSO À RAZÃO PARA INTRODUIZIR NOVOS CONCEITOS A PARTIR DAQUELES SUSCITADOS PELAS OBRAS DE ARTE.

- “Perguntas que são chamadas de ‘elásticas’ pela equipe do educativo IFF são as que podem ter inúmeras respostas. Algumas foram introduzidas a um grupo de estudantes de 10 e 11 anos: ‘Onde encontrar algo que havia perdido?’, ‘O que está no alto do chão?’, ‘O que é mais leve que um elefante e mais pesado que uma nuvem?’. As respostas demonstraram dificuldade de abstração, mas uma delas chamou-me a atenção: ‘Uma vez perdi a imaginação e nunca mais a encontrei’. Tomei partido do seu comentário colocando ‘encontrar a imaginação’ nas obras de arte como abordagem temática para que as interpretassem, de modo que o exercício de criar histórias que propus revelasse o tamanho das imaginações encontradas.” Sabrina Malpeli, arte-educadora

FACILITAR A APROXIMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE TEMAS SOFISTICADOS SERIA CONDUZIR A UMA INTERPRETAÇÃO RASA DE SUAS APRECIÇÕES, O QUE RESULTARIA NUMA ATITUDE ANTIPEDAGÓGICA.

“Alguns aspectos constatados são a dificuldade em relacionar textos e ideias com temas simples do cotidiano, olhar além do que veem e lidar com questionamentos.

Os arte-educadores também se deparam com a dificuldade dos estudantes em redigir suas histórias inventadas e comentários. Parece que os estão traduzindo para outra língua. Mas, quando os contam oralmente, expressam pensamentos articulados com o espírito crítico e mesmo o fazem por meio de figuras de linguagem, como metáforas.

Como se trata de um trabalho em processo, que se constrói enquanto é realizado e tem como base uma práxis constantemente renovada, os critérios que determinam o instrumento de avaliação também comungam dessa mutabilidade. Não se trata de avaliação que pressupõe hierarquia de valores.” Vera Barros, coordenadora do educativo IFF

Estudantes da rede Municipal de ensino de Ituverava



4.5 O MEDO DA LIBERDADE

"[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em 'fazer' uma experiência, isso significa precisamente que nós a fazemos acontecer, 'fazer' significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo." Martin Heidegger (Messkirch, 26 de setembro de 1889 — Friburgo em Brisgóvia, 26 de maio de 1976)

- "É interessante notar como, de modo geral, os adolescentes vão perdendo a inibição ao perceberem que, ao longo da visita, durante os exercícios de arte, estão ante ouvintes interessados, que há espaço para que digam o que pensam e para que possam exercer a criatividade." Jefferson Dias, arte-educador
- "Alguns professores consideram difícil o trabalho com os estudantes – segundo eles, indisciplinados, sem interesse e abaixo da média na avaliação escolar. Em relatórios anteriores já comentamos que alguns, na verdade, ao contrário, apresentam pensamento crítico, capacidade de abstração e curiosidade. Fomos surpreendidos muitas vezes por talentos para a literatura, música, dança e performance." Sabrina Malpeli, arte-educadora
- "Um professor me advertiu de que eu teria muita dificuldade com o grupo. E, ao mesmo tempo, uma das estudantes mencionou que se incomodava com a indisponibilidade e a paciência das pessoas, em casa e na escola, para conversar com ela sobre diversos assuntos, respeitando seus próprios pontos de vista, do modo como ocorreu durante a visita à coleção IFF." Sabrina Malpeli, arte-educadora

"O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser". Paulo Freire (Recife, 19 de setembro de 1921 — São Paulo, 2 de maio de 1997)

4.5 O UNIVERSO SIMBÓLICO DOS ESTUDANTES

TEM SIDO IMPORTANTE IDENTIFICAR E RESPEITAR AS CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DE CADA GRUPO COM PESSOAS DE DIFERENTES PERFIS.

SE TODOS FOSSEM TOTALMENTE DIFERENTES, O MUNDO SERIA MUITO CONFUSO E INCOMPREENSÍVEL PARA A VIDA EM SOCIEDADE. AS PESSOAS SE SENTIRIAM ISOLADAS UMA DAS OUTRAS E PROFUNDAMENTE SÓS. E SE FOSSEM TODOS IGUAIS, A VIDA SERIA MONÓTONA E REPETITIVA, SE SENTIRIAM APRISIONADAS EM REGRAS INFLEXÍVEIS E SEM LIBERDADE PARA EXPRESSAR SUAS INDIVIDUALIDADES, DESEJOS E EXPECTATIVAS. A EXPERIÊNCIA É PRECIOSA PORQUE É COMPLEXA: UMA CONFUSÃO QUE ALTERNA ENCANTO E ESTRANHEZA INCESSANTEMENTE.

- "Após dizer que a obra 'Sem título', 1999 de Valeska Soares era fantasmagórica um grupo de crianças criou uma história sombria e divertida:



Valeska Soares (Belo Horizonte, 1957)
Sem título, 1999
Série Vanishing point.
impressão digital
166 x 126 x 4 (díptico) cm

“Era uma vez uma mansão antiga, onde sete gerações moraram. A última delas foi um casal com três filhos, os quais nasceram antes do casamento.

No dia da festa de casamento, que fora dentro da mansão, a noiva morreu misteriosamente. Alguns anos depois, o pai e os três filhos também morreram de maneira misteriosa.

Um dia qualquer, os vizinhos da mansão jogavam futebol na rua. Durante o jogo, um deles chutou a bola com força, jogando a bola para dentro da mansão. Correram até lá para buscá-la.

Como não havia mais nenhum morador na casa, resolveram pular o muro. Assim que adentraram a sala, viram o vulto de uma mulher com vestido de noiva. Pegaram a bola e saíram correndo.”

Estudantes da Rede Particular de Ensino de Ribeirão Preto, 10 e 11 anos.

A obra *Sala de espera*, de Janaina Tschäpe provocou reflexões sobre liberdade, o medo do ridículo e solidão.

“Não há ninguém para ouvir meu silêncio!?” – Disse a mulher angustiada.
Estou aqui – Respondeu o silêncio.
Preciso tanto desabafar – afirmou a mulher.
Não há ninguém melhor que o silêncio para lhe ouvir – Respondeu ele.
Ainda tão angustiada, querendo liberdade, procurando meu lugar.
Conte-me mais.
Sou tão diferente que me sinto nua diante do mundo. Exposta e frágil.
Mas você sempre terá a minha companhia.
Tenho vontade de me jogar e sair voando por aí.
Mas você causará ferimentos em seu corpo.
Nenhum ferimento é maior do que viver assim.
Então ela, sem medo, se jogou. Fazendo o que achava certo naquele momento.”

Transcrição literal do exercício de arte realizado por estudantes da rede municipal de Ribeirão Preto, 13-14 anos.

“De que me adianta ter asas
Se elas não me permitem voar?
Talvez a sua grandeza seja a causa
Coitada, não é capaz de passar pelo labirinto,
É estreito demais, exaustivo
Não da passagem para o novo
Um padrão cotidiano
E no meio de tantas tentativas
Se perde a força para continuar
É como um tiro no escuro
Você lança a bala
Mas não tem ideia do que ela atingirá
E depois de tantos tiros
Ela me perfurou”

Transcrição literal do exercício de arte realizado por estudantes do SESI Ribeirão Preto, 17 anos.



“Através da pergunta ‘De onde nascem as ideias?’, usada como abordagem, estimulou-se os estudantes a refletirem sobre o ato de pensar e, também, a relacionar suas vivências com reflexões que surgem durante a apreciação das obras de arte. Um adolescente de uma escola municipal percebeu uma proximidade entre a obra do Fajardo e o momento em que ele fica sozinho em sua casa. A partir disso, ele produziu o seguinte texto, transcrito literalmente:

‘As ideias surgem do nada, do que vejo, do que penso e por incrível que pareça até do espelho e do que sinto também; o estranho é que, como que olhar no espelho dá ideias? O espelho te ajuda a refletir, você olha pro espelho é como se você olhasse para si mesmo, para suas atitudes, para o que vai fazer no futuro, olhar o quanto evoluiu. O espelho também lembra o céu, o espelho preto que é onde eu mais reflito quando estou sem fazer nada. Sabe o que faz você refletir diante de um espelho? O que faz você refletir é o que está lá no espelho e ao mesmo tempo no mundo real.’

A reflexão do estudante também dialoga com questões do artista quando ele observa que se vê refletido na obra de arte. Para Carlos Fajardo, o público é participador e não mero espectador. O estudante compara o vidro laminado preto com o céu à noite que ele vê do quintal de sua casa, momento em que costuma se recolher em seus devaneios. Dessa forma, ele analisa sua presença dentro e fora da obra, estabelecendo uma ponte entre sua identidade e anseios e a imagem ali refletida.” Lívia Diniz, arte-educadora

Carlos Fajardo (São Paulo, 1941)
Sem título, 2014
Série
Vidro laminado
200 x 240 x 12 cm



- “Venho refletindo sobre o meu compromisso com a arte-educação informal e a importância do meu papel em um ambiente em que o distanciamento da ‘realidade’ é importante para pensar a arte e o mundo em um âmbito metafórico. A riqueza da coleção de arte do IFF possibilita, de forma singular, ativar o pensamento simbólico dos estudantes, com estratégias de aproximação com a arte.” Sabrina Malpeli, arte-educadora
- “Com a fragilidade do sistema educacional do Brasil, comecei a refletir sobre até que ponto ela afeta o meu trabalho. O movimento dos estudantes da Rede Estadual, no final do segundo semestre de 2015, nas ruas das cidades e a ocupação das escolas acentuou ainda mais as minhas inquietações. Nesse sentido, tenho introduzido perguntas como:
 - Como é a aula de artes?
 - Por que temos mais afinidade com algumas áreas do conhecimento e com outras menos? Quais mais lhe interessam?
 - Que sugestões dariam aos professores para uma aula mais interessante?
 - Gostam da escola em que estudam? Comentem alguns aspectos bons e ruins.
 - O que acham sobre as mudanças que podem ocorrer em algumas escolas estaduais?”

Sabrina Malpeli, arte-educadora

Artista plástico Caetano de Almeida acompanha visita de estudantes do SESI em sua exposição *Coffret*



5. OBRAS DE ARTE DA COLEÇÃO IFF ENTREVISTAM OS ARTE-EDUCADORES

DIANTE DE UMA OBRA DE ARTE, O ESPECTADOR DECIDE ACERCA DO DESEJO DE PARAR OU NÃO POR UM TEMPO PARA CONTEMPLÁ-LA. É ELE QUEM DETERMINA O QUANTO DE CARGA SUBJETIVA ENVOLVERÁ NA PROCURA PELA SUA PORTA DE ENTRADA PESSOAL.



Tunga (Palmares, PE, 1952)
Escalpo (les bijoux de madame de Sade), 1984
Série
Fios de cobre e ferro
250x83x27cm

- **A ausência indicia o corpo?**

Assim como a presença assinala a sina da assincronia, assim como a pele entremostra o osso, o fantasma da cabeça obsedia o escalpo. Jamais seria possível precisar se o pente prolonga o gesto ou se impõe o seu epílogo – entre primícias e remates, avulta a esfinge: ao mesmo tempo efígie da contingência e cadáver da convicção.

- **Se a presença se perfizesse apenas como negativo da impermanência, qual seria o tempo da corporificação?**

O tempo das canções emolientes, dos metais abrandados – corpo e fábula coincidiriam. O tempo em que leveza e exuberância se reconciliariam, em que fim e começo se confundiriam.

- **Qual o peso da fábula posta no chão?**

Se a história é um rebento da memória, se o crânio só existe através do escalpo, somente a fabulação pode unir as duas pontas de uma cabeleira sempiterna ou de um fêmur. O peso da fábula, portanto, equivale ao da cabeleira, que é, simultaneamente, corporificação de uma truculência, troféu de guerra e *bijou*.

- **Um escalpo e um poema são efeitos de um mesmo ímpeto?**

A mesma violência que comove o couro das palavras, dilacera o do crânio; opera-se um corte e tudo vibra naquele pedaço – cabelo ou texto – delimitado. A negação cessa, os contrários se coadunam, assim os fios se emaranham e são alisados, o metal é diluído e coagulado (a alternativa é suspensa e a metáfora pulsa).

Jefferson Dias, arte educador

*Licença, me deixe passar
Algo penetra em mim, com descaso e urgência*

*A pele teu mito expele
A cidade teu corpo espreme
Suas as janelas
respiração profunda transpira, ira, oto, pito,*

Aba fa fã fããã.....grito, cala.

- **Você pode me ouvir?**

Sim. O seu silêncio ecoa em uma vibração sonora, um grito calado, uma respiração ofegante, o que o corpo não consegue expulsar.

- **O que é mais forte em mim?**

Fico em dúvida se a sua força está no que é presente ou no que lhe falta. Os elementos que compõe a sua imagem tornam potentes o que está ausente, com a mesma força. Assim, sinto em meu olhar o peso de suas partes e a urgência do que não lhe cabe.

Sabrina Malpeli, arte-educadora

Janaina Tschäpe (Munique, 1967)
Sala de espera (Terrace), 2001
impressão fotográfica cibachrome sobre papel
103 x 154 x 3 cm





Ivens Machado (Florianópolis, SC, 1942 –
Rio de Janeiro, RJ, 2015)
sem título, 1988
Série
concreto e madeira
97 x 272 x 56 cm

- **O material de que sou feita provoca atração ou repulsa?**

Seu corpo traz ambiguidades, os opostos convivem sem se complementar. Há uma estranheza que remete a algo primitivo, bruto e ao mesmo tempo extremamente elaborado. Acredito que sua força vem deste encontro descombinado, que nos leva a um não lugar, atemporal, que convida a refletir sobre um espaço habitado por um corpo desconhecido.

- **Que corpo seria esse?**

Você poderia ser um móvel de design, mas não tem funcionalidade; poderia ser uma construção, mas não tem proporção; poderia ainda ser um animal de outro planeta. Mas o mais interessante é que você é uma obra de arte que habita um museu e nos provoca e desloca para onde a razão não é suprema. Propicia-nos a experiência da profundidade do imensurável.

Mariana Whately, arte-educadora



Edu Simões (São Paulo, SP, 1956)
Floresta de Mangue, 2011
Jato de tinta sobre papel algodão
150 x 150 cm

- **Sou real ou ficção?**

Costuro meus pensamentos sobre essa trama de raízes e galhos. Sou eu e o instante aprisionado pelo olhar-registro do fotógrafo, reproduzindo a geografia exata na superfície das coisas de lá. Quem sabe seria só mais uma recompensa trazida no bolso desse desbravador, que no fundo confunde sua história com a história daquele lugar. Ou podem ser as diferentes memórias não vividas, que meus olhos ali constroem diariamente.

- **O que sentem seus olhos?**

Meus olhos afundam em seu solo instável e por ali ficam um tempo, sentindo a viscosidade de sua lama quente e fértil. Cheia de vida, em cada preto e branco. E em cada grão de silêncio está estampada uma infinidade de sons. Afinal, que lugar é esse? – me pergunto. Um refúgio no meio da mata, uma clareira que expõe e esconde.

Lívia Diniz, arte-educadora

PARA REFLETIR

“Só pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que vê outrem de seu universo que não é o nosso, cujas paisagens nos seriam tão estranhas como as que porventura existem na lua. Graças à arte, em vez de se contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si do que os que rolam no infinito. Se não houvesse a arte, nós estaríamos prisioneiros de um mundo só.” Marcel Proust (Auteuil, 10 de julho de 1871 — Paris, 18 de novembro de 1922)

6. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?**. Chapecó: Argos, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, jan/fev/mar/abr, 2002.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

BRENIFIER, Oscar. **Le beau et l'art, c'est quoi?**. Paris: Éditions Nathan, 2011.

CINTRÃO, Rejane; FIGUEIREDO FERRAZ, João Carlos de. **O Espírito de Cada Época**. Folheto da exposição realizada no Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, de 16 de maio a 19 de dezembro.

EITEL, Lutz; HOLZWARATH, Hans Werner, ed. **Tunga: Laminated souls**. Berlin: Holzwarth publications, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. ArtMed, 1998.

MELO NETO, João Cabral de. **Poemas Pernambucanos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999. p.76.

MONDZAIN, Maria-José. **O que você vê? Uma conversa filosófica**. São Paulo: Autêntica, 2012.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. São Paulo: Globo, 1994.

RANCIÈRE, Jaques. **O Mestre Ignorante**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

ROSA, Guimarães João. **Catálogo da exposição Grande Sertão Veredas**, concebida por Bia Lessa e realizada no Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Março de 2006.

